



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ILÂNIA FERNANDES VIDAL

**ESTUDO COMPARATIVO DOS TIPOS TEXTUAIS EM LÍNGUA
PORTUGUESA E NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS- LIBRAS**

CAMPINA GRANDE-PB

2012

ILÂNIA FERNANDES VIDAL

ESTUDO COMPARATIVO DOS TIPOS TEXTUAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA
E NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador (a): Prof^ª. Esp.. Christinne Ferreira Silva Oliveira.

CAMPINA GRANDE-PB

2012

V649e

Vidal, Ilânia Fernandes.

Estudo comparativo dos tipos textuais em língua portuguesa e na língua brasileira de sinais: libras [manuscrito] / Ilânia Fernandes Vidal. – 2012.

39 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Esp. Christinne Ferreira Silva Oliveira, Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Especial 2. Surdo 3. Língua Brasileira de Sinais – Libras I. Título.

21. ed. CDD 371.9


ILÂNIA FERNANDES VIDAL

ESTUDO COMPARATIVO DOS TIPOS TEXTUAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA E NA
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS

Apresentado em 12 / 12 /2012


Profª Esp. Christinne Ferreira Silva Oliveira
Orientadora


Profª Ms. Rafael Francisco Bráz - Examinador


Profª Doutorando Eduardo Gomes Onofre - Examinador

*“O que importa a surdez da orelha
Quando a mente ouve? A
verdadeira
Surdez, a incurável surdez, é a da
mente”*

(FERDINAND Berthier, surdo francês, 1845)

Dedico este trabalho aos meus pais Ivo e Ramilda, ao meu esposo Wesley, as minhas irmãs e aos meus sobrinhos, que são pessoas fundamentais na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado força e sabedoria pra chegar até aqui.

Aos meus pais pela dedicação e por terem me ensinado valores que levarei para a vida inteira.

Ao meu esposo Wesley, pelo carinho, compreensão, e por estar sempre ao meu lado nos momentos de alegria ou de angústia.

A minha irmã pelo companheirismo e aos meus sobrinhos por fazerem minha vida mais feliz.

A minha avó materna, que esteve sempre presente em minha vida e cuidou de mim em momentos difíceis.

A professora e orientadora Christinne, por ter ajudado na realização deste trabalho.

Ao professor e amigo, Rafael Braz, pelo enorme apoio nos momentos de maior apreensão, agradeço-o imensamente por toda dedicação.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

ESTUDO COMPARATIVO DOS TIPOS TEXTUAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA E NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS

VIDAL, Ilânia Fernandes

RESUMO

Os surdos por viverem em um espaço bi-cultural, necessitam apropriar-se da escrita de língua portuguesa para que haja uma interação na sociedade formando, assim, sujeitos alfabetizados e letrados, capazes de produzir textos que haja a coerência e a coesão textual. Pensando nessa necessidade, este artigo tem como objetivo principal, mostrar como são as propostas de ensino de tipos textuais no livro “Português: linguagens” de Língua Portuguesa voltados para ouvintes em comparação com o que é proposto para Surdos. O presente trabalho busca, também, trazer informações a respeito de como os professores devem ensinar tipos textuais para alunos surdos e dicas de atividades apropriadas para esse fim. Para isso, foi feito um estudo comparativo do ensino de tipos textuais em Língua Portuguesa e em Libras. Com relação a metodologia utilizada para obtenção dos dados da nossa pesquisa, optamos por fazer uma pesquisa bibliográfica exploratória, consultando um LDP do ensino médio e algumas fontes bibliografias que estão relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa para Surdos. A partir dos dados coletados podemos fazer um estudo comparativo entre o que é proposto em Língua Portuguesa e em Libras. A análise nos mostra que os resultados obtidos através da pesquisa nos indicou que o livro didático de português, ainda, trabalha numa perspectiva ultrapassada deixando o trabalho de leitura, interpretação e produção textual em segundo plano. Já com relação ao que é proposto para o ensino de surdos através da Libras, as propostas são mais atuais e desafiadoras para os alunos. Por fim, observamos que é de extrema importância que os professores, principalmente, de Língua Portuguesa se apropriem da Língua de Sinais – LIBRAS, para que possam trabalhar de forma adequado o ensino dos tipos textuais.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; Educação de surdos; Tipos Textuais.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a finalidade de mostrar como são as propostas de ensino de tipos textuais no LDP e nos livros destinados ao ensino de alunos surdos. Como objetivos específicos iremos explorar as estruturas dos tipos textuais nestas duas línguas, afim de conhecer as especificidades de cada uma, observaremos também como são propostas metodológicas para o ensino de tipos textuais. Essa preocupação surge diante do processo de inclusão de pessoas surdas nas escolas regulares públicas ou privadas, uma vez que é estabelecido por lei a inclusão, porém as autoridades não estão levando em consideração a especificidade linguística destas pessoas.

Ressaltamos que os indivíduos surdos para ter seu processo de desenvolvimento lingüístico/cognitivo, precisam interagir com seus iguais, como também desde cedo ter contato com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Portanto, é importante que haja atividades adaptadas para o ensino destas pessoas, uma vez que acreditamos na filosofia do Bilinguismo que segundo Quadros

(2005) é o uso que as pessoas fazem de diferentes línguas (duas ou mais) em diferentes contextos sociais. O surdo precisa primeiro ser alfabetizado e segundo letrado na sua língua para posteriormente ter uma segunda língua (L2), que no caso dessas pessoas é a Língua Portuguesa.

Para subsidiar nossas discussões teóricas nos calçamos à luz de autores que se destacam na área de educação especial e educação de surdos: Abres(2008); Botelho (2002); Choi (2011); Goldfeld (1997); Honora (2008); Brasil (2004); Quadros (1997).

Nosso trabalho, tem como objetivo também, contribuir com informações importantes para professores que atuam em sala de aula que tenha um ou mais indivíduos surdos incluídos neste meio social, através de atividades propostas na perspectiva bilíngüística da educação, as quais são importantes no processo de alfabetização e letramento de pessoas surdas.

2 CONHECENDO A PESSOA SURDA

Os surdos, como preferem que os chamem, defendem essa nomenclatura e explicam que o termo “deficiente auditivo” é uma palavra que carrega muito preconceito e que esse termo foi criado pelos médicos, pois é assim que eles vêem os surdos, como pessoas que tem o corpo mutilado, que são pessoas defeituosas, as pessoas surdas também não gostam de ser chamados de surdo-mudo, uma vez que eles não são mudos que de acordo com o dicionário Aurélio podemos encontrar: “Privado do uso da palavra por defeito orgânico, ou causa psíquica) e que não apresentam problema algum em seu aparelho fonador, apenas eles usam uma modalidade de fala diferente da oral, eles utilizam as Línguas de sinais (Libras), que é a língua natural do povo surdo no Brasil”.

A surdez é um distúrbio sensorial, uma limitação que não permite a pessoa se integrar na sociedade em que está inserida, associada a recursos externos e que impossibilita as ondas sonoras atingirem o cérebro. Ela consiste na ausência total e parcial de sons, decorrente de problemas auditivos. A deficiência auditiva é descrita de acordo com a Lei Nº 10.436/02 como “ a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis(dB) ou mais, comprovada por audiograma nas frequências de

500hertz,1000hertz e 2000 hertz .” A deficiência auditiva pode ter como causas as seguintes:

A) **Causas pré-natais:** provocadas por fatores genéticos e hereditários; por doenças adquiridas pela mãe na gestação e exposição da mãe a drogas ototóxicas;

B) **Causas peri-natais:** pode ser provocada por parto prematuro, por anóxia por trauma de parto;

C) **Causas pós-natais:** meningites, caxumba, sarampo, idade avançada, traumas, acidentes, infecções no ouvido,etc.

A deficiência auditiva tem como graus:

- 1) Surdez leve – entre 25 a 40 db; é considerado leve e muitas vezes não necessita de aparelho auditivo;
- 2) Surdez moderada-que é entre 41 a 70 db; não chega a atrapalhar a linguagem, mas causa problemas de comunicação e entendimento.
- 3) Surdez severa- entre 71 a 90 db; possui a fala comprometida e apresentará dificuldades na aprendizagem; requer uso de aparelho auditivo;
- 4) Surdez profunda-que é acima de 90 db. Não apresenta fala e linguagem.

A pessoa que tiver um grau de surdez leve ou moderada é considerada parcialmente surda (deficiente auditivo). Já que, as pessoas que tiverem um grau de surdez severa e profunda é denominada de Surdo. Sobre esta diferença de nomenclatura o Decreto que regulamentou a Lei de Libras nº 5.626/05 §2º parágrafo único, diz:

Considera-se pessoa surda àquela que por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras”.[...] Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (DB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2 000Hz e 3.000Hz.” Lei de Libras nº 10.436/02

A respeito desses dois termos ainda podemos demonstrar que deficiência auditiva é quando alguma das estruturas das orelhas apresenta uma alteração, ocasionando uma diminuição da capacidade de perceber o som que geralmente, o deficiente auditivo se comunica pela fala. A surdez, também, é ocasionada por alguma alteração nas estruturas da orelha, ocasionando uma incapacidade de perceber o som. Geralmente o surdo se comunica através da Libras, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais.

A deficiência auditiva pode está relacionada a um período, que pode ser congênito quando o indivíduo já nasceu surdo, neste caso a surdez é considerada pré-lingual, ou seja, antes da aquisição da linguagem ou adquiri-la quando o indivíduo nasce ouvinte e perde sua audição no decorrer da idade, neste caso a surdez é pré-lingual ou pós-lingual, dependendo de sua ocorrência ter acontecido antes ou depois da aquisição da linguagem.

No entanto, os surdos são pessoas que compartilham os mesmos valores, sociais, ideológicos, políticos, sexuais e culturais. Possuem identidade e não são caracterizados como deficientes e sim como diferentes. Eles se organizam sob a ótica da não medicalização da surdez, e dessa forma, a surdez não é considerada como uma patologia que necessita de cura e sim como algo que os torna “diferentes”, compondo assim a diversidade humana. Mas, alguns surdos não se consideram desta forma, pois ouvem um pouco e fazem leitura labiais, neste caso, preferem ser chamados, simplesmente de deficientes auditivos.

3 LIBRAS

A Libras, Língua Brasileira de Sinais, é uma língua de modalidade visual-gestual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e reproduzida pelas mãos. Ela é a língua natural das pessoas surdas porque é adquirida, naturalmente, a partir do contato com falantes dessa língua.

Esta língua é originada do contato com a Língua de Sinais Francesa-LSF. O professor surdo francês Ernest Huet foi convidado por Dom Pedro II, para vir ao Brasil fundar uma escola para surdos. Assim, nasce a primeira escola especial para surdos no Brasil “o Imperial Instituto dos Surdos Mudos que abrigava em regime de internato, meninos surdos, hoje Instituto Nacional de Educação de surdos INES. A fundação desta escola para surdos aconteceu no dia 26 de setembro de 1857, e essa data foi escolhida para comemorar o dia do surdo.

A Libras tem uma gramática própria que é diferente do português. Ela é a segunda língua oficial do Brasil e foi reconhecida pela Lei de nº 10.436 de 2002 e oficializada pelo Decreto 5.626/2005 e por meio da Libras, as pessoas surdas tem acesso as mais variadas informações, conversam e discute sobre vários temas como

política, economia, ciência entre outros. Cada país tem sua língua de sinais, assim como no Brasil temos a Libras, nos Estados Unidos tem-se a língua Americana de Sinais, na França tem a Língua Francesa de Sinais e, assim, nos demais países. A língua de sinais é uma língua natural que evolui como parte de um grupo cultural de povo surdo. As línguas orais vivas evoluem, a língua de sinais também é uma língua viva, pois os seus usuários vivem em constante interação como o que faz com sua heterogeneidade linguística.

A Libras é uma língua de modalidade gestual-visual por que seu sinais são feitos com as mãos, movimentos corporais, e expressões faciais e esses sinais podem ser realizados em alguma parte do corpo. Apesar de serem línguas de modalidades diferentes, existem entre a Libras e Língua Portuguesa algumas semelhanças, uma delas é que ambas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, a Libras também possui gramática e está organizada em quatro níveis lingüísticos, são eles: o fonológico, o morfológico, o sintático, e o semântico. A libras apresenta também características bem particulares como o sinal pessoal, esse sinal é dado a todos os integrantes das comunidades surdas como uma espécie de nome visual, como uma forma mais fácil de identificá-los, e esses sinais são dados a partir de suas características, podendo ter relação com algum traço marcante do individuo.

4 AS CORRENTES FILOSOFICAS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

De acordo com alguns relatos da História da Educação de Surdos, a visão que se tinha sobre o indivíduo surdo eram de pessoas castigadas pelos Deuses e que não tinha nenhuma utilidade. Por isso, eram abandonadas ou sacrificadas. Segundo Goldfeld (1997) afirma que:

existia uma crença de que a pessoa com surdez era uma pessoa primitiva. Com isso, persistiu até o século XV a ideia de que ele não poderia ser educado. Sendo assim, tais pessoas viviam à margem da sociedade e não tinham nenhum direito assegurado. Apenas no século XVI é que aparecem as primeiras notícias de pessoas interessadas na educação de surdos. (GOLDFELD, 1997:..30)

Os anos foram se passando e conseqüentemente foi surgindo diferentes visões e metodologias direcionadas a educação de surdos. No primeiro momento, surge a abordagem educacional do oralismo, seguido pela comunicação total e por fim

bilinguismo. Para Goldfeld (1997: 30) “o oralismo, visa integrar a criança surda à comunidade ouvinte, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral. Essa filosofia percebe a surdez como deficiência que deve ser tratada e minimizada através da estimulação auditiva”.

Posteriormente, em meados dos anos 90, a abordagem que se utilizava era a comunicação total. Segundo Honora (2008: 53) que afirma que a Comunicação Total tinha como método a utilização simultânea de todos os recursos linguísticos, ou seja, a comunicação se desenvolvia através da oralização, uso de prótese auditiva, de gestos naturais, de língua de sinais, expressão facial, alfabeto manual, leitura labial e escrita, enfim tudo aquilo que serviria de meio para ajudar a desenvolver o vocabulário e a linguagem.

Como as duas abordagens não obtiveram sucesso e nem foram bem aceitas pela comunidade surda, então surge o Bilinguismo. Essa abordagem preconiza a aquisição de duas línguas, sendo a Língua de Sinais a primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa (L2) segunda língua. O Bilinguismo preconiza que a pessoa surda deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais e como segunda língua, a língua oficial do seu país que no caso do Brasil é a Língua Portuguesa. Mas, sobre isso Botelho (2002: 111) comenta que a educação bilíngue para surdos propõe a instrução e o uso em separado da língua de sinais e do idioma do país, de modo que a evite deformações por uso simultâneo.

De acordo com Botelho (2002: 111) “a educação bilíngue propõe que os processos escolares dos sujeitos surdos aconteçam nas escolas de surdos, não seguindo o modelo clínico-terapêutico”. A mesma, reconhece as intensas dificuldades e problemas do surdo em classes com estudantes ouvintes.

Para tornar, o aluno surdo letrado, seguindo uma abordagem bilíngue o professor deverá utilizar a língua de sinais no ensino de todas as disciplinas, como primeira língua (L1). Outro valor da educação bilíngue, é a leitura, que através dela os surdos tornam-se competentes em ler e escrever. Para os bilinguistas, os surdos formam uma comunidade com cultura e língua própria, tendo sua forma própria de pensar e agir .

5 A AQUISIÇÃO DA LIBRAS (L1) E DA LÍNGUA PORTUGUESA (L2) PELA PESSOA SURDA

Quando uma criança é exposta a sua L1(Língua materna) a aquisição ocorre de forma espontânea, porém a aquisição de uma L2(segunda língua) ocorre de forma sistemática. Há três formas de adquirir uma segunda língua: a primeira é aprender a L2 simultânea a L1, a segunda, é aprender a aquisição de forma espontânea, e a terceira, a aprendizagem de forma sistemática. Para que uma criança surda adquira uma L2 apenas a terceira forma é considerada adequada, pois é necessário que essa criança já domine a sua língua materna ou natural, a língua de sinais.

Algumas pesquisas apontam que a idade, o desenvolvimento cognitivo e a proficiência na primeira língua são pontos facilitadores para a aquisição de uma segunda língua. Segundo Scliar-Cabral (1988: 85) *apud* Quadros “a não exposição a uma língua, no caso a língua nativa no período natural da aquisição da linguagem, causa danos irreparáveis e irreversíveis a organização psicossocial de um indivíduo”. Isso explica o fato de surdos que passa a ter contato ou utilizar a Libras tardiamente apresentar muitas dificuldades no momento de aquisição da L2, por isso o domínio da L1 é essencial as crianças surdas para que possam garantir seu desenvolvimento de linguagem e de pensamentos e a L2 para terem seus direitos garantidos na sociedade.

Apesar da Libras ter tido sua importância reconhecida para a formação da identidade do sujeito surdo, a realidade é que o acesso a essa língua ainda não é fácil, pois falta orientação dos familiares de crianças surdas, falta profissionais habilitados para esse ensino, assim como também falta políticas públicas que garantam recursos necessários e apropriados, esses problemas tem feito com que várias crianças não estejam na escola, e quando essas são filhas de pais ouvintes a situação ainda é mais precária por que essa criança não tem comunicação na sua língua nem em casa nem na escola, o que acarretará grandes dificuldades para aquisição de uma segunda língua por esse aluno, uma vez que ele não domina nem a sua língua materna. Em muitos casos essa criança não possui a sua língua própria pelo fato dos familiares não aceitarem as condições sensoriais desse criança, levando-a a fazer “ tratamentos” para “recuperar” a fala e negando a sua língua natural, a Libras.

Para se definir o tempo que um estudante leva para adquirir uma L2 alguns aspectos são importantes, como a idade do estudante, o tempo de exposição a L2, a

aquisição da L1, o fato de ser membro de uma comunidade lingüística de minoria e a língua de instrução utilizada na escola.

5.1 O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA PARA SURDOS: o que é proposto

A Lei 10.436 de 2002 reconhece o estatuto lingüístico da língua de sinais Brasileira e defende a proposta do bilíngue e bicultural no ensino de surdos, no entanto deixa claro que a língua de sinais jamais poderá substituir a Língua Portuguesa por essa ser a Língua oficial do Brasil, por essa razão o ensino de surdo no Brasil constitui uma proposta bilíngue, tendo a Libras como a primeira língua, responsável pela interação social da pessoa surda e Língua Portuguesa escrita como a sua segunda língua, uma vez que é de fundamental importância a aquisição da língua oficial do país para que uma pessoa surda ou ouvinte possa exercer sua cidadania.

O bilinguismo é uma proposta de ensino que considera a língua de sinais como língua própria da pessoa surda e que deve ser adquirida o mais cedo possível, e a Língua Portuguesa escrita dará ao aluno surdo o acesso ao conhecimento através da leitura.

Silva (2008) *apud* Muck uma educação bilíngue de surdos deve inserir em seu currículo a língua de sinais e a escrita da Língua Portuguesa como segunda língua em sua completude, incluindo métodos de ensino focado na característica visual e na cultura dos surdos. A partir disso entende-se o bilinguismo como uma forma de dar a pessoa surda os seu direito de obter conhecimentos lingüísticos e de mundo, podendo tornar-se um sujeito crítico e participativo conhecedor de seus direitos e deveres.

Apesar da Libras ter tido sua importância reconhecida para a formação da identidade do sujeito surdo, a realidade é que o acesso a essa língua ainda não é fácil, pois falta orientação dos familiares de crianças surdas, falta profissionais habilitados para esse ensino, e falta políticas públicas que garantam recursos necessários e apropriados, esses problemas tem feito com que várias crianças não estejam na escola, e quando essas são filhas de pais ouvintes a situação ainda é mais precária por que essa criança não tem comunicação na sua língua nem em casa nem na escola, o que acarretará grandes dificuldades para aquisição de uma segunda língua por esse aluno, uma vez que ele não domina nem a sua língua materna. Em muitos casos essas crianças não possuem a sua língua própria pelo fato dos familiares não aceitarem as condições

sensoriais delas, levando-a a fazer “tratamentos” para “recuperar” a fala e negando a sua língua natural, a Libras. Em relação aos profissionais, esses não bastam ser fluentes na Libras, mas sim proficientes o que significa dominar em língua em seus diversos aspectos. O profissional que deseja trabalhar com alunos surdos precisa olhar e valorizar os pontos fortes desses alunos, como a memória e a sua capacidade visual, ao invés de apegar-se as suas dificuldades.

É muito importante que o educador antes de dar início a sua aula, situar aquele aluno surdo no contexto daquele conteúdo que será trabalhado em aula, trazendo diversos materiais visuais como cartazes, revistas, gravuras, gibis e utilizando a libras para envolver esse aluno, despertando seu interesse e, uma vez que o professor trabalhando dessa forma ele estará ativando e valorizando os conhecimentos prévios e de mundo que esse aluno já possui, tornando a sua aprendizagem mais eficaz.

Se uma criança não sinaliza em casa com seus familiares, nem na escola, pouco irá conhecer do mundo ao seu redor, e impor uma segunda língua sem que ela tenha fluência na sua primeira língua, não se conseguirá um bom resultado em nenhuma das duas, por isso é importante reconhecer o saber já adquirido por essa criança.

De acordo com Pereira (2008) *apud* Muck seria adequado se os profissionais envolvidos em contextos de ensino de surdos além de fluentes em Libras, fossem proficientes nessa língua, já que, dessa forma, poderiam aproximar-se do aluno surdo, através do conhecimento de sua história e da imersão em sua cultura, auxiliando-os na aquisição de sua L1(língua de sinais), na aprendizagem de sua segunda língua(Língua Portuguesa escrita) e na sua integração no mundo social.

Faz parte do papel do professor, utilizar o método mais adequado que contemple as especificidades linguísticas de seus alunos, afim de torná-los sujeitos ativos e participativos e não mais aquele aluno passivo que apenas decodifica aquele saber pronto que lhe é transmitido, pois o que diferencia o aluno surdo do ouvinte é apenas a sua modalidade de fala.

5.2 A ESCRITA DA PESSOA SURDA

O ensino de Língua Portuguesa escrita aos alunos surdos apresenta algumas semelhanças com o ensino da escrita a alunos ouvintes. Algumas metodologias utilizadas para esse ensino continua privilegiando a oralidade e a transcrição, porém esse método apresenta equívocos em relação a capacidade de escrita do aluno surdo. Atividades que valorizam a repetição, a transcrição e a cópia de palavras e frases, não levará o aluno a aprender, mas sim a memorizar modelos de frases.

De início, os professores que são vistos como os detentores do saber, transmite aos alunos o ensino de pequenas unidades sonoras que formam unidades gráfica que juntas formam palavras e em seguida formam frases e essas depois de prontas formam textos, no entanto a escrita precisa ter algum sentido para o aluno, e com exercício de repetição, e memorização os alunos formam frases soltas e sem sentido, e isso acaba desmotivando o aluno a escrever, por achar a escrita algo chato e cansativo, pode-se perceber que o tempo dedicado a esses exercício são desperdiçados uma vez que copiar algo que já está pronto não significa dominar a escrita de uma língua.

Pereira (2003) e Lebedeff (2004) *apud* Muck defendem que a inserção no mundo letrado deve ocorrer mediante textos e histórias, de modo que a leitura e a escrita façam parte do cotidiano do educando. É importante que as crianças surdas sejam expostas o mais cedo possível a língua de sinais, pois muitos desses alunos que chegam a escola dominando sua língua natural apresenta melhor desempenho na aprendizagem de leitura e escrita, pois os mesmos participam mais das atividades propostas pelos professores. Isso reforça a importância da Libras na vida escolar, social e cultural da pessoa surda.

O aluno que está exposto ao ensino da escrita precisa ter convívio com o mundo cultural, ou seja, ele precisa ter acesso a bibliotecas, a livros diversos, a jornais, gibis e outros tipos de linguagens como a TV e vídeo. É necessário um espaço de reflexão e debate sobre o que o aluno já conhece para aprender o que ainda não conhece “o novo” e, assim, como os alunos ouvintes os alunos surdos também podem atingir um bom nível de escrita, porém esse processo será mais demorado visto que os surdos estão tendo contato com a sua L2 (segunda língua) pela primeira vez, esse relação acontece de forma visual.

Considero relevante expor que em hipótese alguma o professor deve usar textos facilitados ou resumidos com seus alunos surdos, pois isso pressupõe que esse aluno seja incapaz, e a surdez não torna um sujeito incapaz de ler e escrever, ele apenas precisa ser ensinado utilizando uma metodologia adequada a sua condição sensorial. As crianças surdas devem ser expostas desde cedo a práticas discursivas que envolvam a escrita e assim, como ocorre com as crianças ouvintes, pois muitas dessas crianças surdas em especial filhas de pais ouvintes chegam a escola sem dispor de uma língua pelo fato de não partilhar da língua usada pela família, e acabam por ficar de fora das conversas sobre vários assuntos, dificultando assim a construção do seu conhecimento de mundo que se dá, basicamente, através da visão, e por falta de alguém que interprete o que ela vê torna-se ainda mais complexo construir esse conhecimento.

De acordo com Cagliari (1998) esclarece que ensinar não é repetir um modelo até que o aluno aprenda o que ele quer dizer. Ensinar é compartilhar as dificuldades do aprendiz, analisá-las, entendê-las e sugerir soluções.

Para que um aluno surdo ative sua capacidade de escrita, ele precisa ser incentivado pelo seu professor, que deverá oferecer a esse aluno textos que despertem seu interesse pela leitura, pois um aluno que lê bem e bom livros terá mais facilidade e prazer na escrita. Lembrando que a interação com esse aluno surdo deverá ocorrer em língua de sinais, antes da leitura e do processo de escrita deverá ser exposto a elementos visuais que façam parte do contexto, facilitando a compreensão do texto trabalhado, uma vez que se o aluno ler e não compreender se sentirá desmotivado e incapaz de escrever sobre o que leu, pois para se escrever bem precisa-se de conteúdo que só será adquirido através da leitura de bons textos, da interação com outros sujeitos e de seus conhecimentos exteriores.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS NA PESQUISA

Tendo em vista que a proposta desse artigo é comparar os tipos textuais em língua portuguesa e na Libras, foi feita uma pesquisa bibliográfica exploratória em um livro didático de português volume único intitulado *Português Linguagens*, de William Roberto Cereja, e Theresa Cochar Magalhães em um livro destinado a professores que trabalham com educando surdos intitulado “ Ensino de Língua portuguesa para surdos,

caminhos para a prática pedagógica”, volume 2, do programa Nacional de Apoio a Educação dos Surdos e em três outras referências direcionadas ao ensino de surdos

Posteriormente, foi organizado um quadro comparativo elencando a composição dos tipos textuais em Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. Por fim, elencamos algumas atividades com os tipos textuais nas duas línguas no qual o professor pode fazer em sala de aula

7 TEXTO

Durante toda vida escolar e cotidiana, estamos sempre nos deparando com um tipo de texto diferente ou com vários tipos textuais e cada um com uma função social diferente. Mas, geralmente quando se pergunta o que é texto? Muitas pessoas respondem: “um amontoado de frases com palavras”, sem uma compreensão precisa do que estão dizendo.

Para o ensino do Português como L2 é muito importante que o professor utilize bastante o texto e a leitura, porém é necessário situar esse aluno dentro do contexto, fazendo isso sempre utilizando a Libras, essa deverá ser usada sempre para o ensino de qualquer disciplina inclusive o de Língua Portuguesa

Segundo Salles (2004: 23-24) O texto está ligado a múltiplas concepções dependendo dos princípios teóricos adotados. Assim, ele pode ser compreendido sob diferentes olhares: observando a sua natureza sistêmica, o texto é visto como uma unidade linguística superior à frase, como uma sucessão de combinação de frases e como um complexo de proposições semânticas; mas, se considerar-se o aspecto cognitivo irá vê-lo como um fenômeno psíquico, resultado de processos mentais. E por fim, se ressaltar o seu caráter pragmático terá uma visão de texto como sequência de atos da fala, um elemento de comunicação verbal, ou ainda como processo/produto de práticas sociais.

Koch (2000:21) apud Salles diz que do ponto de vista pedagógico é recomendável compreender o texto, não como um produto pronto e acabado em sua estrutura, mas com uma atenção voltada para o seu processo de planejamento, verbalização e construção. Ainda segundo Koch apud por Salles (2004),

o texto se constitui como tal quando os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, sentido. Assim, entende-se que o ‘sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele’, dependendo das experiências, dos conhecimentos prévios e da visão de mundo que cada participante traz consigo do evento em que o texto se realize. (SALLES... [et al], 2004: 25)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), prioriza o texto como instrumento importante tanto para a aquisição de novos conhecimentos como para o desenvolvimento do raciocínio, da argumentação, experiência lúdica, promotor de prazer estético e para aquisição e consolidação da escrita. Mas, a importância atribuída ao texto está em percebê-lo como instrumento fundamental nas e das práticas sociais.

O texto é a unidade linguística comunicativa básica com que o professor deve trabalhar no processo de ensino de Língua Portuguesa, pois é através do texto que acontece a transmissão do saber, quando o aprendiz ler, interpreta e expõe suas idéias e opiniões. Mas afinal o que texto? Sobre o conceito de texto Koch e Travaglia(1989) diz:

“ O texto será entendido como uma unidade lingüística concreta, que é tomada pelos usuários da língua, em uma situação de interação comunicativa específica, como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente da sua extensão” (Koch e Travaglia,1989)

Por fim, o texto escrito é considerado uma ferramenta básica de comunicação entre surdos e ouvintes.

8 OS TIPOS TEXTUAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Atualmente, há muitos comentários a respeito de gêneros textuais, no entanto, é fundamental o domínio dos tipos textuais para o trabalho com leitura e produção textual. Os parâmetros Curriculares Nacionais (1999: 38), destacam que a exploração do texto precisa levar em conta a função social dos gêneros e recomendam que as tipologias sejam estudadas no interior de cada gênero. As tipologias mais utilizadas na concretização dos gêneros textuais e que contribuem como suporte para sua produção são a narração, a descrição, a dissertação, a injunção, a predição, a explicação e o diálogo, porém nesse trabalho estudaremos apenas os quatro primeiros.

1ª) TIPOLOGIA TEXTUAL NARRATIVA

O texto narrativo caracteriza-se pelo relato de fatos retratados por uma sequência de ações, relacionados a um determinado acontecimento, os fatos podem ser reais ou fictícios. Ele é composto por personagens, espaço, tempo, enredo, e o narrador que pode ser um personagem da história ou apenas um observador que conta apenas o que vê. Os personagens são divididos em protagonistas, antagonistas e secundários. O enredo é composto por quatro partes fundamentais:

- a. Apresentação: é o início da história, onde conhecemos os fatos iniciais e alguns personagens.
- b. Compilação: é o desenrolar da história.
- c. Climax: é o ponto culminante da história, é o momento de maior tensão.
- d. Desfecho final: é a conclusão do conflito, podendo ter um final trágico, cômico ou surpreendente.

Exemplos de textos narrativos: conto, romance, fábula, crônica, parábola, apólogo, novela e outros.

2ª) TIPOLOGIA TEXTUAL DESCRITIVA:

O texto descritivo consiste na exposição de características ou traços peculiares a um determinado ser, objeto, lugar, evento e outros. Nessa tipologia observa-se a presença de adjetivos, locuções adjetivas, advérbios, e algumas figuras de linguagem, como: metáfora, comparação, prosopopéia, onomatopéia e a sinestesia .

A descrição é construída de forma estática, não havendo progressão temporal. A descrição pode ser objetiva, quando apresenta o objeto de forma concreta, buscando maior proximidade com a realidade. Apresenta características como: forma, tamanho, peso, cor, espessura, volume e etc, nesse tipo de descrição a exatidão dos detalhes é fundamental. Pode ser subjetiva, quando o autor descreve o objeto da forma como ele é visto, ou seja, o autor usa sua sensibilidade ou emoção no momento da descrição, nesse tipo de descrição o mais importante é transmitir a impressão do autor.

3ª) TIPOLOGIA TEXTUAL DISSERTATIVA:

Essa tipologia tem o propósito de defender uma opinião e de convencer o interlocutor, para isso o enunciador argumenta de forma coesa e coerente, exibindo os fatos, tecendo explicações, usando justificativas com o objetivo de persuadir o leitor, fazendo com que este tome uma determinada posição em relação a tese defendida pelo enunciador. É muito importante para essa tipologia que o texto mantenha-se coerente e coeso, pois a falta desses elementos resulta em um texto confuso e contraditório. Exemplos: artigo de opinião, carta ao leitor.

4ª) TIPOLOGIA TEXTUAL INJUNTIVA:

É o texto em que o enunciador explicita sua intenção de levar o receptor a realizar determinadas atitudes. Na injunção as informações refere-se a algo que deve ser feito. Nesse tipo textual são comuns as formas verbais no imperativo, e ele também é utilizado para prever acontecimentos e comportamentos. Exemplos: receita médica, receita culinária, manual de instruções, bulas de remédios, e previsões. Como podemos observar no quadro resumo abaixo:

QUADRO RESUMO DAS FINALIDADES DOS TIPOS TEXTUAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA

TIPOS TEXTUAIS	FINALIDADE
NARRATIVO	Contar fatos reais ou imaginários ou relatar acontecimentos que ocorreram em determinado lugar e tempo, envolvendo participantes em ação e movimento no transcorrer do tempo.
DESCRITIVO	Caracterizar a paisagem, o ambiente, as pessoas, e os objetos.
DISSERTATIVO	Apresentar informações sobre assuntos idealmente de forma isenta e impessoal. Expor ideias, pensamentos, doutrinas,

	teses, argumentos e contra-argumentos. Envolver, refletir, explicar, avaliar, conceituar, analisar, informar.
INJUNTIVO	Dizer como fazer ou realizar ações. descrever e prescrever regras, normas para uso e regulação de comportamentos.

9 TIPOS TEXTUAIS EM LÍNGUA DE SINAIS

Os tipos textuais também estão presentes na Língua Brasileira de Sinais. O que eles tem de diferente e que é levado em consideração na produção desses textos a modalidade da língua gestual-visual (visual-espacial)

A) NARRAÇÃO

Na construção das narrativas nas línguas de sinais, o espaço tem papel fundamental. No discurso narrativo, os personagens podem ser associados a pontos específicos no espaço da sinalização. O apontar novamente, o olhar ou mesmo um movimento com o corpo na direção daqueles locais é interpretado como fazendo referência aos personagens já mencionados.

Outra forma de estabelecer relação com um referente previamente mencionado é por meio de classificadores. Na referência aos personagens, os sinalizadores podem usar sinais, classificadores ou o que, na literatura, é conhecido como jogo de papéis ou mudança de papéis (Choi p.91, cita Metzger, 1995; Rayman, 1999; Morga, 2005).

A mudança de papéis tem sido caracterizada por mudança na posição do corpo, na expressão facial e no olhar durante uma sequência, mudando, deste modo, o papel de um personagem na narrativa (Choi, p.91 apud Rayman, 1999). A mudança na posição do corpo pode contrastar, movendo-se o corpo para a direita e para a esquerda ou para frente e para trás. Mudanças podem ocorrer, também, simplesmente, mudando-se a direção do olhar e a expressão facial. A mudança de papel é usada na narrativa para manter a referência e requer a identificação anterior por meio de um nominal antecedente (Choi, 91 apud Morgan, 2005:91)

Além de permitir a referência a objetos ou pessoas, o uso do espaço possibilita ao usuário escrever ou mapear a disposição dos mesmos no espaço. Neste mapeamento, as relações espaciais entre os sinais correspondem a relações reais entre objetos descritos (Choi, p.91 *apud* Emmorey, 1993: 91)

O uso do espaço nas línguas de sinais se estende também para marcar e distinguir eventos temporais. Os sinalizadores podem destinar localizações ou áreas do espaço representacional para se referir a eventos e se moverem para trás e para frente destas localizações, para se referir a eventos passados ou futuros (Choi, p.91 *I apud* Wiston, 1999).

B) DESCRIÇÃO

A descrição pode ser de uma ação, de um espaço físico ou objeto. Na criação de discursos, os surdos fazem a sobreposição de várias situações de fala, especialmente com a criação daquilo que tem sido chamado de “espaço sub-rogado”. Esse espaço é aquele em que o surdo incorpora o personagem de uma história que ele está contando. No uso do espaço de sinalização mapeamos os referentes nesse espaço.

Na língua espaço-visual mesclam-se momentos de contar a história e de representar, ou seja, encenar a história (VIOTTI, 2007 *apud* Albres 2008:22)

Exemplos :

a) Descrição de ação

Estabeleça-se no espaço do quarto em pé de frente para o guarda-roupa. Você deve relatar para as pessoas o que você fez:

- Abra o guarda-roupa, retire dois cabides e compare as roupas, os coloque novamente no cabideiro e feche a porta do armário.

- Abra a gaveta, pegue a blusa e a vista, tire e jogue na cama.

b) Descrição de um lugar

Depende do ponto de referência estabelecido previamente para o espaço onde o emissor está.

- Descreva o quarto como se você estivesse em pé na porta.
- Descreva o quarto como se você estivesse em pé de costas para o guarda-roupa.

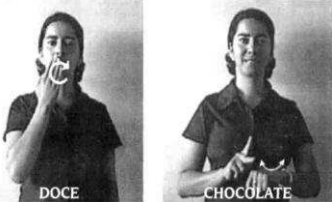
C) DISSERTAÇÃO

O aluno surdo produz este tipo de texto seguindo as mesmas regras do português para ouvinte. No texto é contemplado introdução, desenvolvimento e conclusão.

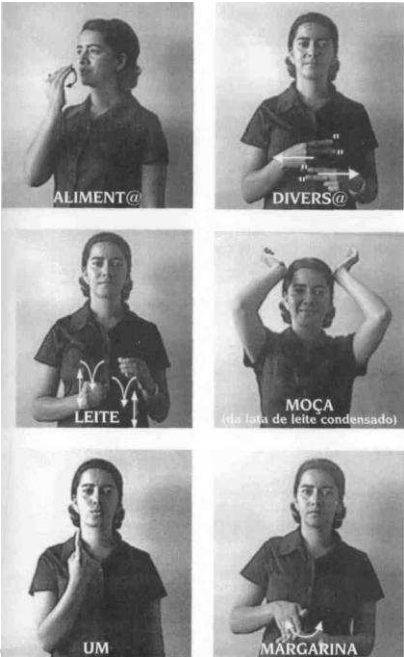
D) INJUNÇÃO

A seguir encontra-se sinalizada a receita de um doce maravilhoso, tipicamente brasileiro.

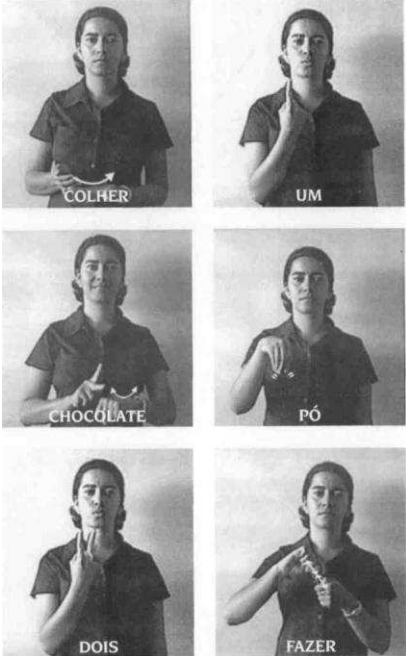
BRIGADEIRO DE LEITE MOÇA 1)



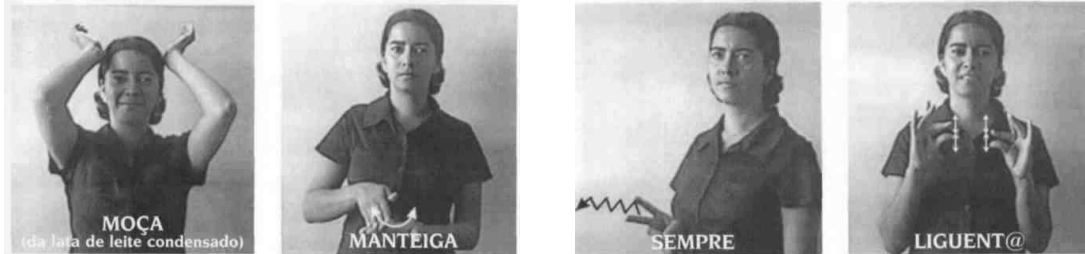
2)



3)

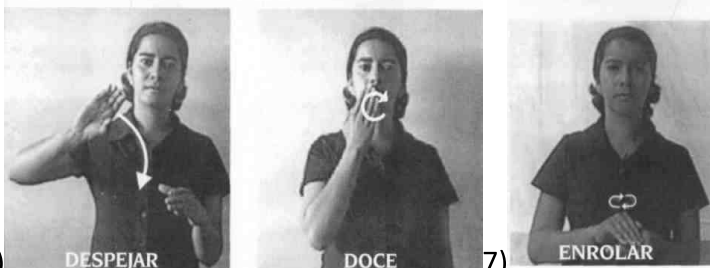
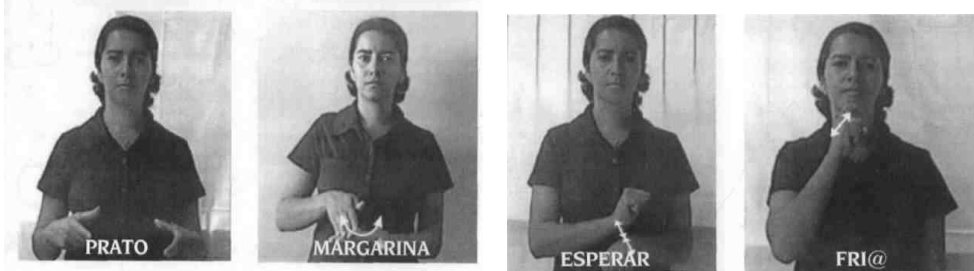
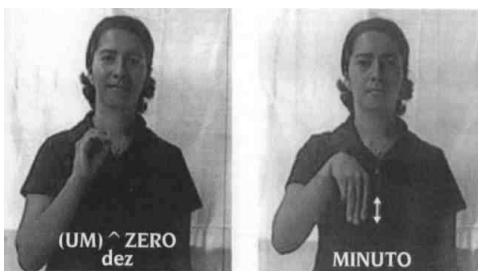


Texto copiado do Livro: Ensino de Língua Portuguesa para surdos. Caminhos para a prática pedagógica/Heloisa Maria Moreira Lima Salles-Brasília: MEC, SEESP, 2004.



4)

5)



6)

7)

Texto copiado do Livro: Ensino de Língua Portuguesa para surdos.Caminhos para a prática pedagógica/Heloisa Maria Moreira Lima Salles-Brasilia:MEC,SEESP,2004.

10 COMPARAÇÃO ENTRE OS TIPOS TEXTUAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA E NA LÍNGUA DE SINAIS –LIBRAS

CARACTERÍSTICAS	
TIPOSTEXTUAIS	
LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
<p>TEXTO NARRATIVO</p> <p>relato de fatos retratados por uma sequência de ações, relacionados a um determinado acontecimento, os fatos podem ser reais ou fictícios.</p> <p>É composto por personagens, espaço,tempo, enredo,e o narrador que pode ser um personagem da história ou apenas um observador que conta apenas o que vê.</p>	<p>NARRATIVA</p> <ul style="list-style-type: none"> -Espaço de sinalização; -Personagens; -Classificadores; -Apontação; - Mudança de papéis;
<p>TEXTO DESCRITIVO</p> <p>Exposição de características ou traços peculiares a um determinado ser, objeto, lugar, evento e outros. Nessa tipologia observa-se a presença de adjetivos, locuções adjetivas, advérbios, e algumas figuras de linguagem, como: metáfora, comparação, prosopopéia, onomatopéia e a sinestesia.</p>	<p>DESCRIÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> -Objeto, espaço físico ou ação; -Espaço de sinalização; - Classificadores; -Ação do(s) personagem(ns)
<p>TEXTO DISSERTATIVO</p> <p>Tem o propósito de defender uma opinião e de convencer o interlocutor, para isso o enunciador argumenta de forma coesa e</p>	<p>TEXTO DISSERTATIVO</p> <p>Segue as mesmas regras propostas pela Língua Portuguesa para ouvintes:colocar no texto introdução,desenvolvimento e</p>

coerente, exibindo os fatos, tecendo explicações, usando justificativas com o objetivo de persuadir o leitor, fazendo com que este tome uma determinada posição em relação a tese defendida pelo enunciador.	conclusão.
<p>TEXTO INJUNTIVO</p> <p>Dizer como fazer ou realizar ações. descrever e prescrever regras, normas para uso e regulação de comportamentos.</p>	<p>TEXTO INJUNTIVO</p> <p>É feita a sinalização de cada etapa do texto.</p>

11 ANÁLISE CONTRASTIVA

A língua portuguesa para surdos é considerada como uma língua estrangeira quando se trata da sua aprendizagem. As mesmas dificuldades que um estrangeiro encontra em aprender a Língua Portuguesa, da mesma forma essas dificuldades se apresentam para os surdos com um agravante que é a diferença das duas línguas, uma oral auditiva e a outra espaço visual.

A intenção dos estudos na área da surdez é que o surdo se torne um sujeito bilíngue, ou seja, que domine duas línguas, a Libras como primeira língua (L1) e o português escrito como segunda língua (L2). O sujeito surdo sempre vai buscar referências na sua língua materna para dar significado à outra língua, o que produz alguns confrontos entre as línguas, mas que vai marcar as especificidades de cada uma, é nesse momento que a análise contrastiva entre as duas línguas entra em campo para que o surdo entenda como diferenciar uma língua da outra.

A Língua de Sinais fornece subsídios para o surdo criar e produzir seus textos, utilizando frases, palavras do seu contexto social, aquelas que ele já tem agregados ao seu vocabulário, ou seja, a primeira norteadora a produção, facilitando a maneira que ele vai transcrever suas ideias. Dar significado ao português escrito é, antes, ter domínio da língua materna e, depois, traduzi-la para escrita e assim fazer a passagem da língua espaço visual para a oral auditiva.

Segundo Quadros (1997 :101-102) a análise contrastiva, é uma forma de trabalhar com o conhecimento explícito no ensino de L2. Envolve a comparação entre duas ou mais línguas quanto aos níveis fonológicos, semântico pragmático , morfológico e sintático. Essa é uma alternativa metodológica interessante para o ensino de português aos adolescentes e adultos surdos.

O domínio que o professor tem das semelhanças e diferenças da LIBRAS e do Português contribui para que o mesmo construa estratégias explicativas que favoreçam a aprendizagem dos alunos.

12 EXEMPLOS DE PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM TIPOS TEXTUAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA E NA LIBRAS

Proposta de atividades para alunos surdos

Texto injuntivo

1) Passe a receita sinalizada para o português, observando os ingredientes e o modo de fazer. Retire do quadro as medidas para os ingredientes.

___ copo(s) de ___ pitada(s) de
 ___ colher(es) de ___ lata(s) de
 ___ xícara(s) de ___ kilo(s) de
 ___ litro(s) de ___ gramas de

Ingredientes

2) Retire do quadro as formas verbais e descreva o modo de fazer. Observe que as duas formas do verbo podem ser usadas, mas você deve escolher uma delas e usá-la em toda a receita.

Levar Leve

Misturar Misture

Despejar Despeje

Esperar Espere

Enrolar Enrole

Modo de fazer

Texto Narrativo

Em grupo de 4 alunos, cada dois ficam com 10 verbos indicadores, formando grupo A e B. Cada grupo elabora uma narrativa com os verbos da sua coluna. Criem contextos de uso sem deixar de lado a coerência narrativa, chegando a uma história com começo, meio e fim. Deve ter pelo menos 4 personagens e os mesmos devem ser incorporados no decorrer da história.

GRUPO A	GRUPO B
APRESENTAR	DEMONSTRAR
MANDAR	AJUDAR
DAR	OLHAR
EMPRESTAR	PERGUNTAR
AVISAR	RESPONDER

ATIVIDADE RELACIONADA AO TIPO TEXTUAL NARRATIVO



- 1- Nesse fragmento, o marinheiro relata suas experiências, como naufrago, numa balsa à deriva no mar.
 - a- A que dias de sobrevivência no mar elas se referem?
 - b- Duas coisas particularmente o atormentavam: os tubarões e a fome. Apesar de não esperar mais nada, o que fez?

- 2- A visão das sete gaivotas infundia no narrador um desejo de viver.
 - a- Por que, na sua opinião, as gaivotas lhe davam esperanças de vida?

Eu era um morto

Não me lembro do amanhecer do sexto dia. Tenho uma idéia nebulosa de que, durante toda a manhã, fiquei prostrado no fundo da balsa, entre a vida e a morte. Nesses momentos, pensava em minha família e a via tal como me contaram agora que esteve durante os dias do meu desaparecimento. Não fiquei surpreso com a notícia de que tinham me prestado homenagens fúnebres. Naquela sexta manhã de solidão no mar, pensei que tudo isso estava acontecendo. Sabia que haviam comunicado à minha família o meu desaparecimento. Como os aviões não voltaram, sabia que tinham desistido da busca e que me haviam declarado morto.

Nada disso era errado, até certo ponto. Em todos os momentos, tratei de me defender. Encontrei sempre um meio de sobreviver, um ponto de apoio, por insignificante que fosse, para continuar esperando. No sexto dia, porém, já não esperava mais nada. Eu era um morto na balsa.

À tarde, pensando que logo seriam cinco horas e os tubarões voltariam, fiz um desesperado esforço para me levantar e me amarrar à borda. Em Cartagena, há dois anos, vi na

- b- No sétimo dia, entretanto, já era a terceira vez que ele as via. Com base em que conhecimento o narrador sentiu o terror renascer?
- 3- Observe os verbos e os pronomes empregados no texto.
- a- Os verbos e pronomes estão em que pessoa?
- b- Em que tempo está a maioria dos verbos?
- 4- Releia o 4º parágrafo do texto. Com base nele é correto dizer que esse texto é exclusivamente narrativo, que ele é exclusivamente descritivo ou que é narrativo e utiliza a técnica de descrição? Justifique sua resposta.

(Texto de Gabriel García Márquez. Relato de um naufrago. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1970.p.70-3.)
 , presente no livro Português: linguagens.

ATIVIDADE RELACIONADA AO TIPO TEXTUAL DISSERTATIVO



Teatro e escola: o papel de educar

Teatro e escola, em princípio, parecem ser espaços distintos, que desenvolvem atividades completamente diferentes. Em contraposição ao ambiente normalmente fechado da sala de aula e aos seus assuntos pretensamente "sérios", o teatro se configura como um espaço de lazer e diversão. Entretanto, se examinarmos as origens do teatro, ainda na Grécia antiga, veremos que teatro e escola sempre caminharam juntos, mais do que se imagina.

O teatro grego apresentava uma função eminentemente pedagógica. Com suas tragédias, Sófocles e Eurípedes não visavam apenas à diversão da platéia mas também e, sobretudo, pôr em discussão certos temas que dividiam a opinião pública naquele

(Texto de Ciley Cleto, professora de português) p.446

- 1- O texto dissertativo-argumentativo, como a maior parte dos textos argumentativos, apresenta três partes essenciais: uma introdução, na qual se expõe a tese ou a idéia principal que resume o ponto de vista do autor acerca do tema; o desenvolvimento, constituído pelos parágrafos que explicam e fundamentam a tese; e a conclusão. Numere os parágrafos do texto e identifique:
 - a- O parágrafo em que é feita a introdução do texto;
 - b- A tese ou idéia principal presente nessa introdução;
 - c- Os parágrafos que constituem o desenvolvimento do texto;
 - d- O (s) parágrafo(s) de conclusão.

- 2- O desenvolvimento de um texto dissertativo pode ser feito por meio de diferentes procedimentos, como:

- comparação	- oposição ou contraste
- alusão histórica	- definição
- citação	- apresentação de dados estatísticos
- exemplificação	- relação de causa e efeito

Reconheça no desenvolvimento do texto os parágrafos em que tenha sido feito uso:

- a- Da alusão histórica;
- b- Da comparação
- c- Da exemplificação
- d- Da definição

- 3- Do ponto de vista das idéias, por que a autora se refere ao teatro grego e ao teatro de Brecht para fundamentar sua tese?
- 4- Explique esta afirmação do texto: “ O teatro ensina, o teatro é escola.”
- 5- O texto dissertativo-argumentativo apresenta dois tipos básicos de conclusão: a conclusão-resumo, que retoma as idéias do texto, e a conclusão-sugestão, em que são feitas propostas para a solução de problemas. Que tipo de conclusão o texto em estudo apresenta?
- 6- Observe a linguagem empregada no texto.
 - a- Que tempo e que modo predominam nas formas verbais usadas?
 - b- Qual a variedade lingüística empregada: culta formal, culta informal, coloquial, popular ou regional?
 - c- A linguagem é predominantemente pessoal ou impessoal? Justifique sua resposta com base na pessoa do discurso, nas formas verbais e nos pronomes empregados.
 - d- O texto revela maior preocupação com a expressividade, com a emotividade ou com a precisão das informações?

ATIVIDADE RELACIONADA AO TIPO TEXTUAL DESCRITIVO

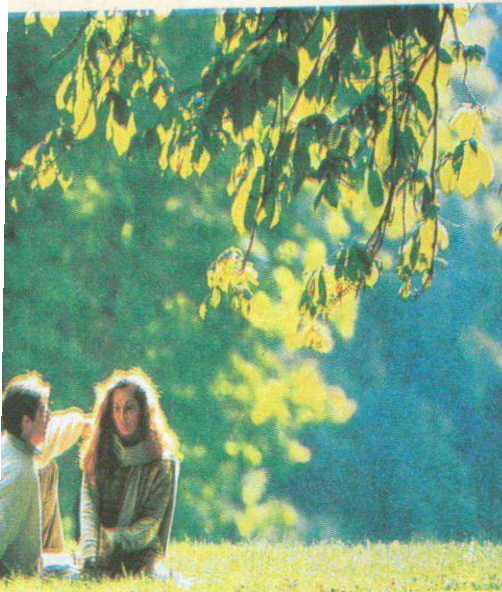
A descrição

Leia este texto, de Vinícius de Moraes:

O amor por entre o verde

Não é sem freqüência que, à tarde, chegando à janela, eu vejo um casalzinho de brotos que vem namorar sobre a pequenina ponte de balaustrada branca que há no parque. Ela é uma menina de uns treze anos, o corpo elástico metido num *blue jeans* e num

suéter folgado, os cabelos puxados para trás num rabinho-de-cavalo que está sempre a balançar para todos os lados; ele, um garoto de, no máximo, dezesseis, esguio, com pastas de cabelos a lhe tombar sobre a testa e um ar de quem descobriu a fórmula da vida. Uma coisa eu lhes asseguro: eles são lindos, e ficam montados, um em frente ao outro, no corrimão da colunata, os joelhos a se tocarem, os rostos a se buscarem a todo momento para pequenos segredos, pequenos carinhos, pequenos beijos. São, na sua juventude, a coisa mais antiga que há no parque, incluindo velhas árvores que por ali espapaçam sua verde sombra; e as momices e brincadeiras que se fazem dariam para



escrever todo um tratado sobre a arqueologia do amor, pois têm uma tal ancestralidade que nunca se há de saber a quantos milênios remontam.

Eu os observo por um minuto apenas para não perturbar-lhes os jogos de mão e misteriosos brinquedos mímicos com que se entretêm, pois suspeito de que sabem de tudo o que se passa à sua volta. [...]

(Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973. p. 39.)

balaustrada: conjunto de pequenas colunas de sustentação de corrimão, peitoril.

espapaçar: tornar-se mole, desengonçado.

momice: caretas, trejeitos.

- 1- Caracterize por meio de uma locução adjetiva (preposição +substantivo) estes substantivos: ingredientes, continuação, hábito, atração, ato, dificuldade, nobreza, paixão, certificado, conselho. Veja um exemplo:

Liberdade de expressão

- 2- Identifique no vocabulário abaixo os adjetivos que caracterizam o cheiro de:

a- Perfume

d- refrigerante

b- Carneça

e- vinagre

c- Gás

Vocabulário: doce, ácido, acre, fétido, nauseabundo, sufocante, penetrante, inebriante, suave, putrefato, picante, inodoro, leve, delicado.

- 3- Identifique dois ou três substantivo que poderiam ser associados às seguintes características, relacionadas a formas e dimensões: retangular, pontiagudo, sinuoso, minúsculo, espinhento. Veja um exemplo:

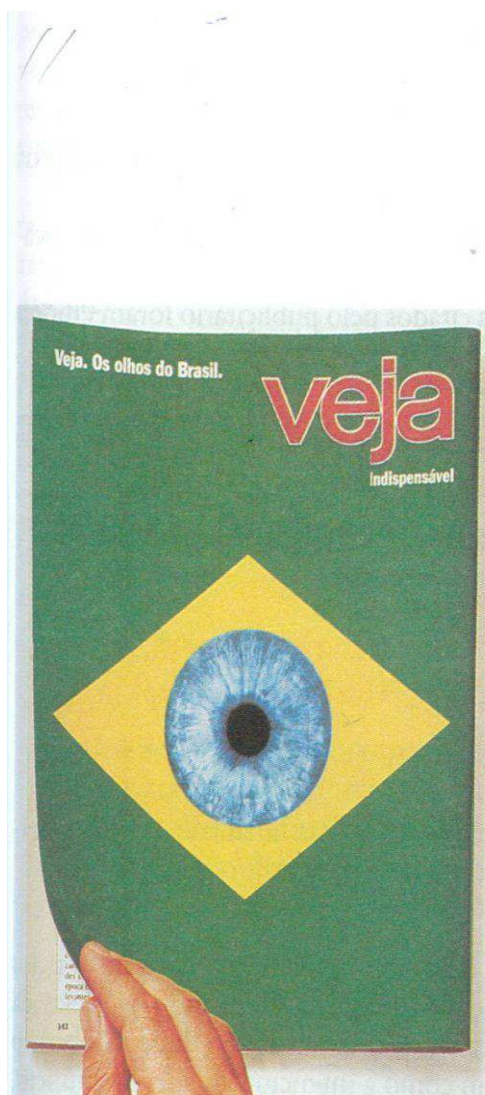
Estreito: rua, corredor, estrada, visão

- 4- Escolha um(a) amigo(a) ou parente (pai, mãe, irmã, etc.) e, sem dizer o nome dele(a), descreva-o (a) física e psicologicamente. Terminando seu texto , troque-o com um colega.
- 5- Leia o seguinte anúncio:

Casa para temporada: alugo uma casa ampla, moderna, arejada, mobiliada, com ampla sala de estar, sala de jogos, piscina, churrasqueira e playground, situada em Búzios, Rio de Janeiro. Tratar com Paulo. Fone: (021) 5849-3344. Horário comercial.

- 6- Escreva um anúncio, vendendo ou alugando um livro, um CD, um caderno cheio de anotações de aula ou outros objetos: uma coleção de chaveiros, um pôster de um antigo conjunto de rock, uma caixinha de música, um anel de compromisso, etc. Imitando a linguagem do anúncio, procure ser objetivo e claro, e descreva as características do objeto de modo que seu texto provoque o interesse de um possível comprador. Terminando o anúncio, leia-o para os colegas.

ATIVIDADE RELACIONADA AO TIPO TEXTUAL INJUNTIVO



*Toda a força da mídia
a serviço da comunicação.*

*Na Globo a sua comunicação tem mais impacto.
Ela possui público cativo que se mantém fiel em todos os
gêneros, porque o telespectador sabe o que é bom e prefere
o melhor. Seus programas são parte da rotina do brasileiro.
Por isso sempre têm altos índices de audiência.
Veiculando na Globo, você tem garantia de respostas
rápidas para as suas campanhas publicitárias.
Dê impulso à sua comunicação.*

TODA A FORÇA DA MÍDIA

G L O B O E V O C Ê . . . T U D O A V E R .

- 3- Compare o texto verbal com a imagem que compõe o anúncio. Que elemento visual do anúncio corresponde:
- a- À palavra Brasil?
 - b- Às palavras *Veja e olhos*?
- 4- Leia o que o publicitário Jairo Lima, em entrevista, comenta sobre os recursos da linguagem publicitária:

A campanha pode ser pensada em termos de hipérbole, pleonasmos, metonímia ou metáfora. Após a escolha, siga o caminho traçado: o do exagero ou da repetição, ou da parte pelo todo, ou da simbologia. Quanto à escolha do vocabulário, a nível dos signos, deve ser sempre simples, com termos conhecidos e corriqueiros. O que vai valorizá-los e ampliá-los serão as relações que se estabelecem: a polissemia, a oposição, o duplo sentido ou, às vezes, um novo sentido para um termo bastante conhecido.

(In: Nelly de Carvalho. Publicidade: a linguagem da sedução. São Paulo: Ática, 1996.p.29)

- a- Considerando apenas a parte verbal do anúncio, que figura(s) de linguagem se verifica(m) na afirmação de que a revista são “ os olhos do Brasil” ?
- b- A parte verbal do anúncio corresponde ao que o publicitário afirma quanto à escolha do vocabulário?
- c- Considerando apenas a parte visual, quais dos recursos citados pelo publicitário foram empregados no anúncio de *Veja*?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs fazer um estudo comparativo acerca dos tipos textuais em Língua Portuguesa e Libras. Os estudos apontam propostas bem atuais e interessantes para o ensino da língua portuguesa aos alunos surdos seguindo uma proposta bilíngue de educação. Podemos perceber que uma proposta de ensino pautada no uso da análise contrastiva requer do professor um bom conhecimento das duas línguas o português e a Libras. No entanto, os professores que atuam com alunos surdos necessitam se apropriar desses conhecimentos através de cursos de formação continuada, mas, infelizmente, isso ainda não é possível. E diante desse problema os surdos vão continuando com dificuldades de aprender a língua portuguesa escrita.

Faz parte do papel do professor, utilizar o método mais adequado que contemple as especificidades lingüísticas de seus alunos, afim de torná-los sujeitos ativos e participativos e não mais aquele aluno passivo que apenas decodifica aquele saber pronto que lhe é transmitido, pois o que diferencia o aluno surdo do ouvinte é apenas a sua modalidade de fala.

Os sujeitos surdos precisam dominar a sua língua materna, a LIBRAS, para adquirir de forma eficaz a sua segunda língua. No desejo de contribuir com informações específicas da área de tipos textuais, elencamos alguns exemplos de atividades que poderão ajudar o professor na sala de aula.

Em relação as propostas de ensino dos tipos textuais a alunos ouvintes, não encontramos livros que abordassem as tipologias textuais, mas sim livros que traziam o ensino dos gêneros textuais, no entanto entendo que para estudar o gênero precisamos estudar o tipo a qual o texto se encaixa devido as suas características. No livro utilizado para esse estudo, encontrei gêneros que traziam em suas estruturas características dos tipos textuais que nos propusemos a comparar seu ensino neste artigo.

Vale ressaltar que todo didático livro apenas propõe, cabe ao professor saber se as propostas poderá ser aplicada em suas turmas, sabendo que não há uma receita pronta que possa ser aplicada a qualquer turma, uma vez que cada classe apresentará uma realidade.

Por fim, todo o estudo feito trará informações que ajudarão professores a ensinar de forma mais correta para o surdo os tipos textuais.

ABSTRACT

By living in a bi-cultural space, the deaf need to appropriate of the writing of Portuguese language, to have an interaction in society, thus forming literate people, that are able to produce texts with an textual coherence and cohesion. Considering this need, this article's main objective is to show how the proposals are teaching text types in the book "Português: linguagens" Portuguese Language dedicated to listeners compared to what is proposed for the Deaf. This study also seeks to bring information about how teachers should teach text types and activities for deaf students. For this, we've made a comparative study of the teaching text types in Portuguese and Libras. Regarding the methodology used to obtain the data from our research, we chose to do an exploratory literature search querying an LDP school and bibliographies and some sources that are related to the teaching of Portuguese Language for the Deaf. Based on the data collected we can make a comparative study between what is proposed in Portuguese and Libras. The analysis shows that the results obtained by the research indicated that the Portuguese textbook also works on a outdated perspective leaving the work of reading, interpretation and production of texts in the background. Now with regard to what is proposed for the education of the deaf through libras, the proposals are most current and challenging for students. Finally, we noted that it is extremely important

that teachers mainly of Portuguese language to take the ownership of Sign Language-LIBRAS, so they can work in a manner appropriate teaching of text types.

KEYWORDS: Libras ; Deaf education; Textual Types.

REFERÊNCIAS

- ALBRES,Neiva de Aquino.NEVES,SylviaLiaGrespan. **De sinal em sinal:comunicação em LIBRAS para aperfeiçoamento do ensino dos componentes curriculares.**1ª Edição-São Paulo,SP:FENEIS-Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos,2008
- BOTELHO,P.**Linguagem e letramento na educação de Surdos:ideologias e práticas pedagógicas.**Belo Horizonte:Autêntica,2002.
- CEREJA, William Roberto. **Português: linguagens:** volume único/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – São Paulo: Atual, 2003.
- CHOI,Daniel.**LIBRAS:Conhecimento Além dos Sinais.**Organizadora Maria Cristina da Cunha Pereira.-1.ed.-SãoPaulo:Pearson Prentice Hall,2011.
- DEUS,Klênia Lima Armôade.**Língua de Sinais Brasileira:librasIII.**-São Paulo:Know How,2010 .p.79-82
- Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica/** Heloisa Maria Moreira Lima Salles... [et AL]._ Brasília : MEC, SEESP, 2004. 2 v.: il. _ (Programa Nacional de Apoio à Educação dos surdos)
- GOLDFELD,Márcia.**A Criança Surda:linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista.**São Paulo:Plexus,1997.
- HONORA, Márcia.**Esclarecendo as Deficiências.** Márcia Honora e Mary Frizanco, Pedagogia, Casa Aberta, SC.2008
- PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **Leitura, escrita e surdez/** Secretaria de Educação, CENP/CAPE. São Paulo: FDE,2009
- Parâmetros curriculares nacionais:** ensino médio. / Ministério da Educação. Secretaria de educação Média e tecnológica. –Brasília: Ministério da Educação,1999.
- QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos. A aquisição da Linguagem.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas,1997.

- _____. *O “Bi” em bilinguismo na educação de surdos*. In: **Surdez e bilinguismo**. Vol. 1. Porto Alegre: Mediação, 2005, 26-36.
- MUCK, Gisele farias. **O papel da Libras e da Língua portuguesa em contextos de ensino e de aprendizagem da Língua escrita para surdo**. Disponível em: celsul.org.br/encontros/08,papel-da-libras.pdf acessado no dia 12/11/12 às 16:25h.
- _____. *Texto e coerência*. Cortez, São Paulo,1989.